

UM VÍRUS NO PICADEIRO – CIRCO E PANDEMIA NO SEMIÁRIDO BAIANO

José Benedito Andrade de Oliveira¹

Ingrid Miranda de Souza Pinho²

Resumo

A pandemia do novo corona vírus se espalhou pelo mundo e atingiu em cheio o Brasil. Os artistas que dependem da bilheteria para sobreviver foram os primeiros que tiveram atividades interrompidas e provavelmente serão os últimos a retomar. Sem uma renda fixa os artistas circenses estão entre os grupos mais prejudicados, pois sem poder ter a aglomeração de pessoas, os circos tiveram que abaixar suas lonas e procurar outros meios para conseguir sua renda diária. Hoje eles contam com a solidariedade de pessoas das cidades em que estão parados cumprindo o distanciamento social. O presente artigo tem a finalidade de analisar os dados do questionário e nas ações realizadas pelo projeto Circo e Pandemia aprovado no edital 030/2020 da PROEX/UNEB. O foco foi verificar a situação das crianças e dos adolescentes circenses itinerantes durante a pandemia do covid-19, principalmente as que estão no semiárido baiano. Para construção dos dados foi utilizado um questionário feito na plataforma do Google docs. Esse, foi divulgado por todas as redes sociais possíveis. Outra forma de acesso foi o contato com alguns circos mais próximos. A pesquisa foi qualitativa e de caráter participante. Os dados foram analisados e as respostas registradas para estudos futuros. Foi possível perceber que o circo tem presença constante no semiárido baiano e seu desenvolvimento depende de políticas públicas principalmente em relação ao desenvolvimento sócio/educacional. Conclui-se que a pandemia vai passar, mas, o circo itinerante ainda tem muito o que construir para retomar seu lugar de destaque na contemporaneidade.

Palavras – chave: Circo; Covid 19; Semiárido Baiano; Educação.

Abstract

The pandemic of the new corona virus has spread across the world and has hit Brazil hard. The artists who depend on the box office to survive were the first to have their activities interrupted and are likely to be the last to resume. Without a fixed income, circus artists are among the most affected groups, because without being able to gather people, circuses had to lower their tarpaulins and look for other means to earn their daily income. Today they count on the solidarity of people from the cities in which they are stationed, fulfilling social distance. The purpose of this article is to analyze the data from the questionnaire and the actions carried out by the Circo e Pandemia project approved in the notice 030/2020 of PROEX / UNEB. The focus was to verify the situation of traveling children and adolescents during the pandemic of the covid-19, especially those in the semi-arid region of Bahia. To build the data, a

¹ Doutorando em Artes Cênicas PPGAC/UFBA. Mestre em Educação e Diversidade MPED/UNEB. Especialista em História Cultura Urbana e Memória / UNEB. Pedagogo / UNEB. Professor do Curso de Licenciatura em Teatro – UNEB/DEDC/CAMPUS VII – Senhor do Bonfim. E-mail: jbaoliveira@uneb.br

² Monitora de extensão do projeto circo e pandemia. Graduanda da Licenciatura em Teatro da UNEB/DEDC/CAMPUS VII – Senhor do Bonfim. E-mail: ingrid_miiranda@outlook.com

questionnaire was used on the Google docs platform. This one was published by all possible social networks. Another form of access was contact with some circuses that are closer. The research was qualitative and participatory. Data were analyzed and responses recorded for future studies. It was possible to notice that the circus has a constant presence in the semiarid region of Bahia and its development depends on public policies mainly in relation to socio-educational development. It is concluded that the pandemic will pass, but the traveling circus still has a lot to build to regain its prominent place in contemporary times.

Keywords: Circus; Covid-19; Bahia semiarid; Education.

INTRODUÇÃO

O surto pandêmico conhecido como novo corona vírus ou covid 19 deixou a maioria dos brasileiros em alerta desde o dia 26 de fevereiro quando se registrou o primeiro caso da doença no País. Foi noticiado em meios de comunicação diversos de que, um homem de 61 anos residente da cidade de São Paulo que tinha retornado da Itália há pouco tempo deu entrada no hospital apresentando sintomas de febre elevada, tosse seca e dores no corpo, esse paciente foi o primeiro a ser registrado como portador da doença covid 19.

Em 29 de fevereiro o Brasil registra o segundo caso positivo do vírus, mas ainda se tratavam de casos importados, no dia 11 de março um assunto se torna manchete principal dos diversos meios de comunicação. Os noticiários apresentam declaração da Organização Mundial da Saúde em que define o estado de pandemia do coronavírus, o Brasil contava com 52 casos confirmados. Porém, no país, foi apenas no dia 20 de março que o Ministério da Saúde afirmou transmissão comunitária do novo coronavírus.

Quanto a lei ° 13.979 que “dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019”. A normativa suspende atividades e eventos e dois pontos atingem diretamente ao público alvo de deste artigo, os circenses itinerantes. São eles, o isolamento social e a locomoção interestadual e intermunicipal, ações que configuram como necessárias para interromper a contaminação evitando aglomerações de pessoas. Mas, que ao mesmo tempo,

impossibilita aos artistas de circo a realizarem sua única fonte de renda, a bilheteria, a venda de ingressos para o espetáculo.

Com o surto, a cultura foi uma das primeiras atividades interrompidas e provavelmente a primeira pergunta que se passou não só na cabeça dos artistas do teatro, da musica, da dança e do circo que dependem da aglomeração de pessoas para sobreviver, mas também dos técnicos, figurinistas, costureiras, maquiadores, cinegrafistas, e todos os outros setores existentes para levantar uma apresentação: E agora, se o espaço não pode funcionar como fica a situação desses artistas autônomos que não tem salário fixo, nem carteira assinada e dependem apenas da venda do ingresso para sobreviver?

Com base no que fora descrito, escrevemos um projeto de extensão e fomos aprovados no edital 030/2020 da PROEX/UNEB (Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia - UNEB). Nosso principal objetivo foi: Identificar e registrar as condições de crianças e adolescentes circenses itinerantes durante a pandemia do covid-19 no semiárido baiano. Devido ao exposto anteriormente, as atividades precisavam ser realizadas de forma remota evitando qualquer possibilidade de atividade presencial para proteger a vida dos/as estudantes monitores e os circenses itinerantes público alvo do projeto.

Após os tramites de seleção e organização da equipe de trabalho, foram pensadas possibilidades para o contato e se iniciou uma pesquisa de campo por meio das redes sociais. Foi organizado um questionário com trinta questões voltadas para a problemática, disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScJh5RLjFH0KE_1aQDTKRNZDPIFQcPpECDHrNb9zV2vYfY0og/viewform. Como também, uma petição para cobrar providências dos órgãos responsáveis pelas crianças e adolescentes circenses em idade escolar. Texto disponível no endereço eletrônico:

https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/httpwwwculturabagovbr_circo_e_pandemia_apoio_aos_circenses_itinerantes_durante_a_pandemia_ja/?cEwwlqb&utm_source=sharetools&utm_medium=copy&utm_campaign=petition-1025670-circo_e_pandemia_apoio_aos_circenses_itinerantes_durante_a_pandemia_ja&utm_term=Ewwlqb%2Bpo.

Ambos em andamento durante a escrita desse artigo, dos quais apresentaremos e analisaremos dados registrados até esse momento, mas,

que possibilita uma leitura das atividades realizadas no período e consta da participação de mais de vinte circos, como também, a realização de atividades diversas como *lives*, contatos com secretários e diretores de cultura de municípios baianos, acompanhamento de atividades de circenses como realização cadastro municipais e estadual, campanhas humanitárias entre outras.

A presença do circo no semiárido baiano em meio ao covid 19

No início, tudo aparentava apenas mais uma parada nas atividades para o cotidiano e repetitivo processo de mudanças de espaço, ou de praça como se diz no dialeto do povo da lona. Mas, assim como a maioria dos brasileiros o que os circenses itinerantes não sabiam naquele momento no início do mês de março de 2020 é que esta seria uma longa fase de espera e permanência em casa. Para esse, no entanto, que compartilha no mesmo espaço casa e trabalho, permanecer obrigatoriamente no mesmo lugar aparentemente não seria o problema já que em muitos casos vivem distante de suas cidades, isso, para os que têm alguma residência fixa.

Tratando-se do semiárido baiano, pode-se dizer que existe uma freqüência da atividade circense, seja em espaços de formação como ONGs, associações, escolas ou em grupos artísticos, trupes e circos itinerantes e artistas individuais no campo, na cidade, na rua, no trânsito. Como exemplo, o último registro apresentado na revista Bahia de todos os circos: atrair, sensibilizar e receber bem os circos, Bahia (2012) encontramos que:

Através do mapeamento e memória do circo, realizado pela FUNCEB/SecultBA, cerca de 50 companhias, artistas, trupes, circos itinerantes e escolas de circo forma levantados no período de 2007 a 2011. Este levantamento, porém, não para e deve ser sempre atualizado, uma vez que há uma peculiaridade nos circos que atuam na Bahia: da mesma forma como as famílias rapidamente constituem um circo, também o desfaz. (BAHIA, 2012, p. 10)

Como bem alerta o documento citado, o cadastro tarda a ser atualizado. Contudo, durante a realização da pesquisa circo e pandemia, fomos nos aproximando de um grupo organizado no aplicativo whatsapp com o título de Grupo de Apoio Emergencial, criado por Wilma do Circo Kadoshy em 27 de abril de 2017 no qual se encontram cadastrados no mês de julho de 2020 69 participantes e mais de cinquenta circos.

No entanto, em relação ao cadastro realizado pela FUNCEB é importante aferir que a lista citada a seguir não tem relação com o trabalho anterior e foi disponibilizada pelos organizadores do citado grupo do whatsapp para um registro e mobilização dos artistas em torno da lei 14.017/2020 que, “dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.” (BRASIL, 2020). Entre os circos citados é possível identificar companhias em circulação pelo semiárido baiano e no momento da pesquisa se encontra na Bahia os como:

Circo Icaros, Circo Incaros, Circo Irmãos Dayllon, Circo Irmãos Ribeiro, Circo Intermundial, Circo Kadoshy, Circo Jackson do Brasil, Circo Jamaica, Circo Mágico Bug Bug, Circo Mágico Internacional, Circo Maximus, Circo da Mônica, Circo Mundo Mágico, Circo Negro Strada, Circo Papatudo Show, Circo Plaza Show, Circo Primavera, Circo Real Estrelar, Circo Real Espanhol, Circo Stallone, Tirulipa Circo Show, Circo Super Fantastico, Circo Trans Globo, Circo Transbahia, Circo Tropical, Volver Circus, Circo Wirtaly, Circo WX, Grande Circo Popular do Brasil, Gran Circo Leylismay, Le Cirque, New York Circo, Papa Tudo Circo Show, Premier Circus, Rayy Circus, Royte Circus, Wallas Circo Show, Walif Jr. Circo, Wanderson Circo, Circo Alegria, Big Brother Circus, Circo Bismarck, Circo Brothers, Circo Castelona, Circo Chapolin, Circo Chumbinho, Circo Cinemax, Circo Darlley, Circo Dallas, Circo de La Paz, Circo Empoly, Circo do Charmozinho, Circo do Chapoquinha, Circo do Cherosinho, Circo do Palhaço Xurek, Circo Fantástico, Circo Fênix, Circo Barcelona, Circo Galáxia, Golden Circos, Circo Globo Max, Circo Holiwood. (PESSEBE, 2020)

Desta forma, alguns dentre esses circos não são do Estado da Bahia, como também muitos outros não estão registrados aqui e isso nos mostra o quanto é necessário um acompanhamento mais sistemático dos órgãos responsáveis para que se possa compreender em parte a dimensão cultural do Estado da Bahia e a realidade dos circos itinerantes e das atividades circenses no Estado.

Neste sentido, entendemos que estimular e apoiar a mobilização pode auxiliar para algumas soluções para os problemas com estruturação de políticas públicas para “o povo da lona”, visto que, em meio a outras dificuldades os circenses podem estar fragmentados politicamente em quanto coletivo impossibilitando o poder de articulação ou então a sociedade mudou alguns valores e semelhante ao que acontece com outras minorias sociais, as

preocupações com a sobrevivência diária toma muito mais tempo e as causas coletivas são proteladas.

Assim, entendemos que é obrigação do poder público acompanhar, mobilizar e estimular a formação para que coletivos artísticos se mobilizem em torno do desenvolvimento socioeconômico. Caminhos possíveis podem ser estabelecidos a partir da ação conjunta de diferentes órgãos estaduais como secretaria da cultura, secretaria da educação, secretaria da saúde e secretaria da fazenda. As informações registradas por cada uma dessas instituições podem auxiliar na construção de políticas públicas para o circo e principalmente os circenses itinerantes. Se compreendermos que o desenvolvimento cultural depende da educação que é ofertada e que o conhecimento é um dos principais fatores para a segurança e a saúde, não será difícil entender o que deve ser prioridade de investimento de recurso público.

A educação deve ser prioridade, pois o conhecimento constrói possibilidades diante das maiores dificuldades. Em relação à educação de circenses itinerantes no semiárido baiano, em pesquisa recente Oliveira (2017), registrou reflexões sobre este tema em pesquisa de mestrado. Em entrevista com circenses itinerantes, professores e gestores de escolas públicas o trabalho apresenta dificuldades e desafios para garantia dos direitos sociais. Diz o autor:

Não são questões de fácil resolução uma vez que não depende unicamente do rigor da lei para que sejam sanadas. Na pesquisa conversamos com uma dançarina contratada pelo circo Indianópolis que em entrevista na cidade de Morro do Chapéu/Bahia, disse que: “hoje em dia a matrícula não é o grande problema. Aqui na Bahia em geral, nós não encontramos muita dificuldades para matricular não. O maior problema é o acompanhamento”. Sabemos que este não é um problema particular; vale ressaltar que a questão do acompanhamento escolar formal com uma população em situação de itinerância é um desafio em muitas culturas. (OLIVEIRA, 2017, p. 67)

Existem leis específicas para garantir a matrícula de crianças e adolescentes circenses itinerantes a exemplo da LEI Nº 6.533, DE 24 DE MAIO DE 1978, que “dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências” (BRASIL, 1978). O litígio, como afirma a artista circense é em torno do acompanhamento!

A pesquisa citada trata da educação formal de circenses itinerante, mas, em relação a outros temas não é diferente e o projeto de extensão circo e pandemia que tem como objetivo identificar e registrar a situação dos circenses itinerantes do semiárido baiano durante a pandemia do covid 19, vem identificando questões similares, o que apresentaremos mais a frente em outra seção.

Ainda sobre o circo na Bahia, o professor pesquisador Reginaldo Carvalho da Silva (2018) apresenta estudos sobre a presença do circo no semiárido brasileiro e diz: “mais de 20 circos forma identificados cumprindo temporada na região de Senhor do Bonfim na primeira parte do século XX”. (SILVA, 2018, p. 230). De acordo com o pesquisador, Senhor do Bonfim, localizado no Centro-Norte da Bahia, tem uma expressiva cena circense e teatral pulsante. Estes estudos apontam para novas buscas em arquivos e trabalhos que dêem conta de revelar a produção circense no semiárido baiano e ampliar as possibilidades para futuros pesquisadores sobre o assunto.

Picadeiros parados

Todos que produzem arte foram atingidos, espaços foram fechados, espetáculos foram cancelados, lonas foram abaixadas e muitos artistas que já estavam com dificuldades financeiras sabiam que a situação ficaria ainda pior.

A mãe de todas as artes como é conhecido o circo foi uma das principais áreas afetadas por conta do isolamento social, se vendo em uma realidade jamais imaginada nos últimos anos, os artistas circenses itinerantes estão enfrentando muitas dificuldades.

Sem poder contar com o dinheiro das bilheterias, grande parte está dependendo da solidariedade dos moradores e prefeituras das cidades onde os circos ficaram parados para garantir o mínimo da sobrevivência, já que nenhum auxílio para artistas foi liberado de imediato.

A pandemia deixou os artistas circenses em uma grande crise financeira e para enfrentar este momento conflituoso eles têm recebido doações de cestas básicas e muitos buscaram e vem buscando alternativas para lidar com a crise enquanto aguardam ansiosamente pelo fim do isolamento, para que possam novamente reerguer suas lonas, e, como eles mesmos dizem, “pegar o

asfalto ou estrada de terra, o importante é viajar”, tomar seus vôos poéticos pelas cidades levando alegria em contato direto com o público.

Contudo, o quadro não é simples! Em respostas registradas em nosso questionário, percebemos que alguns circenses para conseguir comprar remédios, comidas e outros itens básicos pegaram seus recursos como as pipocas e as maçãs do amor que geralmente são vendidas nos intervalos das apresentações e começaram realizar suas vendas no trânsito, em praças públicas, pelas ruas das cidades. Outros fazem números de malabares e mágicas no sinal para conseguirem trocados, alguns até se desfizeram de figurinos de apresentação os transformando em máscaras para vendê-las.

A pandemia do COVID – 19 tem deixado muitas pessoas preocupadas com o futuro. Mas, os circenses itinerantes de pequenas companhias de circo com certeza estão entre os grupos sociais mais fragilizados e prejudicados, principalmente em se tratando de questões relacionadas à assistência básica como saúde e educação. Referimo-nos aqui não apenas com o já mencionado, o financeira. Mas, refletimos sobremaneira sobre o desgaste emocional desses artistas itinerantes acostumados a está em cidades e estados diferentes a todo tempo e repentinamente, são obrigados a ficar com o picadeiro parado.

Escutei no rádio – saiu no jornal

Mesmo com o crescimento exponencial de novas tecnológico, com o avanço da internet e aparelhos celulares mais sofisticados possibilitando comunicação em tempo real por meio de chamadas de áudio e vídeos, o rádio ainda é um dos meios de comunicação mais acessível principalmente para quem não tem acesso aos mais variados meios e dispositivos tecnológicos é o que afirma Bianco (2016) ao dizer: que:

É importante ter em mente que embora as possibilidades de escuta tenham se estendido com a integração do rádio à plataformas digitais – *internet*, tocadores de MP3, *tablets* e celulares – digitalizar ainda é necessário para que possa participar do código comum que é a base da convergência e, assim, apropriar-se das vantagens advindas dessa condição, a exemplo da melhoria da qualidade de som, novos usos e funcionalidades para o aparelho receptor de rádio, incluindo dados associados que possam fornecer mais riqueza à programação. E mesmo que não tenha mais posição central no cenário midiático cada vez mais convergente e caracterizado pela diversidade de *players* para oferta de

conteúdo, o rádio no Brasil ainda é uma mídia popular e enraizada no cotidiano, especialmente nas cidades do interior do país. (BIANCO, 2016, p. 48)

A enxurrada de informações sobre determinado assunto muitas vezes passa a ilusão de que todos estão sabendo de tudo. Mas nem sempre isso pode ser verdadeiro principalmente quando se leva em consideração a diversidade do público ouvinte. Focados em suas atividades cotidianas e preocupados com a realização de seu ofício, muitas das informações passam despercebidas dos circenses itinerantes. Foi o que respondeu o Palhaço Parafuso, proprietário do Circo Encantos em mensagem de whatsapp.

Foi assim que fiquei sabendo, eu estava ouvindo o rádio, foi até no carro de som aqui do circo, eu tinha chegado de uma propaganda na rua. Aí escutei: - não pode acontecer nenhum evento que tenha aglomeração, nenhuma atividade com mais de cinquenta pessoas. Eu disse pronto, agora a coisa vai piorar de vez! Se a gente tem dificuldade para trabalhar sem pandemia, imagina agora que não podemos pensar em aglomeração. E desde quando nós paramos as atividades, que estamos aqui em Piranhas em Alagoas. A lona dobrada, o que não é bom! E dependendo do apoio da comunidade. Que por sinal, têm demonstrado muito respeitosos, o que, nos alegra em perceber que as pessoas continuam gostando do circo. Com todas as possibilidades de entretenimento, as pessoas ainda tiram um tempo para vir ao circo. Assim, que essa doença for contida, nós voltaremos com nossas atividades. (PALHAÇO PARAFUSO, 08/05/2020. ENTREVISTA CONCEDIDA PELO APLICATIVO WHATSAPP)

O rádio chega as pessoas assim como o circo. São meios populares de entretenimento, informação e lazer. O pequeno circo de lona é um espaço cultural itinerante e cumpre um importante papel de levar para as comunidades mais distantes as artes do espetáculo.

Um vírus no picadeiro

O projeto circo e pandemia foi uma proposta aprovado pelo edital 030/2020 da PROEX (Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia – UNEB), considerando a medida provisória nº 934, de 1º de abril de 2020 que “estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020”, o edital propunha ações de extensão no programa PROBEX – Edição especial de prevenção e combate à covid 19. O certame previa seleção para bolsistas de monitoria de extensão.

Iniciamos a formação com a monitora bolsista e os monitores voluntários, em seguida, foram organizados os questionários e as pesquisas em redes sociais como: instagran, facebook e whatsapp para identificar os circenses itinerantes e os circos no semiárido baiano.

De cunho qualitativo o projeto configura-se como estudo de caso em consonância com BAUER (2002), realizamos um estudo de caso com observação participante e como método para a construção dos dados, utilizamos o questionário semi-estruturado na plataforma do google docs.

Após entrar em contato com os circenses, explicava-se a natureza do projeto de extensão e solicitava participação nas atividades propostas. O texto de abertura do questionário apresenta o projeto e informa os participantes ao afirmar:

O projeto de extensão Circo e Pandemia: um vírus no picadeiro, realização da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS VII e PROEX (Pró-Reitoria de Extensão), com o apoio do Colegiado do Curso de Licenciatura em Teatro e o Laboratório de Pesquisa e Prática em Artes do Circo, busca identificar e registrar as condições de crianças e adolescentes circenses itinerantes durante a pandemia do covid-19 no semiárido brasileiro, principalmente, em relação a saúde e à educação escolar. Desta forma, convidamos você a colaborar com essa pesquisa respondendo ao questionário abaixo. Os resultados deste trabalho podem contribuir para a criação de documentos para auxiliar na construção de políticas públicas para os povos circenses itinerantes.

Após o convite, o próximo texto indica os objetivos do projeto que foram: Registrar e compreender quais os principais impactos da pandemia do COVID - 19 na vida de crianças e adolescentes circenses itinerantes no semiárido baiano.

Ainda em consonância com as normas de pesquisa com pessoas, o texto apresentava um lembrete com o subtítulo: Importante que dizia:

Sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. Sua identidade será preservada e os questionários atendem a fins científicos e pedagógicos. Caso concorde em participar, assinale os dados e prossiga. É importante que você responda todas as perguntas para que sua participação seja computada!

Em seguida, os participantes poderiam responder as questões específicas sobre o circo durante a pandemia do covid 19 e apresentar suas

impressões em perguntas pensadas após a escuta inicial para a construção do questionário.

Respeitável público – O circense no centro do picadeiro virtual

Ao pensar o circo apenas como espaço de entretenimento a sociedade afasta-se do artista e esse enquanto a gente social tem muito a contribuir com as transformações da mesma sociedade que o descuida. Sobre o artista enquanto ser social Gallo (2018) diz:

Aceita-se, aqui, a ideia de que o artista, além de ter apenas um papel na sociedade, pode se empenhar em seu favor, seja oferecendo uma visão crítica, seja procurando agir diretamente em determinados segmentos dela. Segundo esse ponto de vista, deve-se pensar em um desempenho do artista que não termina no âmbito estético-artístico, mas que estende a essência da relação entre a arte, o social, a atuação e a política. (GALLO, 2018, p. 28)

O artista circense itinerante desempenha seu papel como ator social quando interfere na comunidade e semelhante ao que diz Gallo (2018), mas, em outra perspectiva sua presença provoca mudanças ainda que não intencionais. O pequeno circo ao mesmo tempo em que desperta o riso, revela as tristezas e mazelas da sociedade em ambientes insalubres, ausência de saneamento básico e descaso total do poder público. O projeto de extensão circo e pandemia, questionou alguns pontos e das trinta questões do questionário, apresentaremos aqui um resumo das respostas mais relevantes.

Iniciaremos com as questões relacionadas a idade - Grande parte dos artistas que responderam tem idades entre 36 a 45 anos e 18 a 24 anos. Sobre o nome do circo não apresentaremos para garantir o anonimato e identidade dos artistas.

Os circos que responderam, apresentam uma população de pessoas adultas. Como é uma realidade dos empreendimentos de circo família, muitos podem ser da mesma família significando uma permanência das atividades orientadas pelos mais velhos e seguidas pelos jovens. Também forma identificados crianças, adolescentes e idosos. Uma população em situação de risco principalmente durante a pandemia.

Sobre o Estado e Cidade em que está parado - cerca de 45,3% desses artistas estão com seus circos parados na Bahia, mas precisamente no interior da Bahia como em Senhor do Bonfim, Dias D'avila, Cansação,

Jacobina, Santo Estevão, Juazeiro, Filadélfia, Feira de Santana, Cansanção e outras.

Os relatos revelam a presença de circos no semiárido baiano indicando o que já foi dito por Oliveira (2017) e Silva (2018). O primeiro sobre as dificuldades educacionais de circenses itinerantes no semiárido baiano e o segundo sobre a presença desses desde o início do século XX.

Sobre a quantidade de pessoas no circo - 66% dos circos tem de 1 a 15 integrantes, 23,4% tem de 16 a 25 e 10,5% tem de 26 a 45 sendo que todos tem crianças e/ou adolescentes.

Ao refletir sobre a presença de crianças e adolescentes nos circos, a preocupação em relação a segurança alimentar e o acompanhamento educacional é gritante pois as pesquisas anteriores indicaram que existe muita negligência em tempos “normais”, e, o que pensar de um momento de pandemia? A realidade fica mais periclitante quando pensamos no que vem a seguir sobre a quantidade de crianças e adolescentes circenses matriculados na educação básica – dos entrevistados, 37% desses jovens não estão matriculados na escola porque a instituição se negou a realizar a matrícula alegando a suspensão das aulas devido a pandemia do covid- 19. Os outros 62% estão matriculados, contudo alguns estão matriculados na rede particular para que o aluno letivo não seja perdido. Outra parte dos depoentes que estão matriculados não estão tendo acesso a nenhuma aula, primeiro porque a escola não está oferecendo e segundo que alguns circenses não tem boas condições de internet no espaço aonde estão, e isso dificulta o acesso as aulas online oferecidas pelas redes particular de ensino.

Dos alunos matriculados apenas em 5 circos os jovens estão recendo vale alimentação, esses circos ficam na cidade de Feira de Santana (BA), Itabaiana (SE) , Curaçá (BA) e Barra do Choça (BA), o vale alimentício é um dos recursos da secretaria da educação do Estado da Bahia para estudantes da rede pública estadual. O vale-alimentação é uma iniciativa da secretaria da educação do Estado da Bahia e disponibiliza um valor de 55 reais por estudantes da rede estadual de ensino.

A ausência de políticas públicas para a educação de pessoas em situação de itineância afeta diretamente os circenses e o básico como um

auxílio como o vale-alimentação de 55 reais, mesmo este pequeno valor não chega para estas pessoas que são esquecidas pelo poder público.

Uma das perguntas do questionário foi sobre quais sensações/emoções as crianças e o adolescentes tem manifestado com maior freqüência neste período de pandemia, os sentimentos que mais foram marcados foi angustia, ansiedade, tédio e tristeza.

E de fato, se para as pessoas que estão confortavelmente em suas casas este tem sido um momento de angustia e tormento devido ao isolamento, para as pessoas e situação de itinerância, isolados em municípios em que o poder público se nega a auxiliar com o mínimo, não pode ser uma atitude de negligência da sociedade, de artistas, de educadores, de pessoas comprometidas com o desenvolvimento artístico e humano.

Considerações finais

No corpo deste artigo, sem pretender aprofundar nas particularidades do fluxo de pesquisa sobre o circo brasileiro tão pouco registrar todos os circos existentes no semiárido baiano, procurou-se demonstrar a problemática dos empreendimentos circenses frente à pandemia do novo corona vírus tendo como periodização o primeiro semestre de 2020, após o surto ser publicizado em diferentes meios de comunicação. Conjectura-se, no entanto, que muitos outros trabalhos podem está sendo produzidos sobre o assunto nesse período, visto que, a temática tem chamado a atenção e muitas ideias surgiram para apoiar as pessoas em situação de itinerância entre elas, os circenses.

Ao ser aprovado e contemplado com uma bolsa de extensão, o projeto seguiu os tramites exigido pelo edital e iniciou o trabalho a 14 de março de 2020. Como todas as ações precisavam ser desenvolvidas de forma virtual,

O nosso foco aqui foi analisar o trabalho realizado pelo projeto de extensão Circo e Pandemia. Esse contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex/UNEB) o que possibilitou aquisição de bolsa para monitoria. A bolsa é necessária por diversos motivos, principalmente como estímulo e auxílio o/a estudante na iniciação a pesquisa.

Mas, o projeto contou ainda como dois monitores e uma monitora que atuaram como voluntários. Jeniffer Santos de Oliveira, Levi dos Santos Silva e Valtênir Ferreira da Silva Filho. Estudantes do curso de Licenciatura em Teatro

que foram selecionados devido ao interesse pelo campo de pesquisa relacionado ao curso através da disciplina obrigatória Circo: corpo, cena e texto e os trabalhos do Laboratório de Pesquisa e Prática em Artes do Circo – L-CIRCO. O L-CIRCO está relacionado à linha de pesquisa Circo e Cultura Popular do Grupo de Pesquisa e Extensão do Semiárido Brasileiro – GruPANO. Registrado no CNPq e sobre a liderança do professor Reginaldo Carvalho da Silva. Esse grupo objetiva registrar atividades relacionadas às artes do espetáculo em suas mais variadas formas no semiárido brasileiro e refletir sobre a importância da formação em arte na universidade, na educação básica e nos mais variados espaços cênicos.

Essa ação contribui muito para que os/as graduandos/as experimentem outras formas de introdução a pesquisa ampliando o repertório intelectual e produzindo conhecimento que será socializado em produções futuras, seja em espetáculos de circo, dança, performance e teatro, como também acadêmicas em estágios, textos, participação de eventos, seminários e/ou suas aulas futuras como professores/as de teatro em espaços não-formais, educação básica ou no ensino superior.

Além disso, as atividades extensionistas e a pesquisa são como um termômetro que pode aferir os níveis de aproximação da Universidade com a sociedade em geral e, de maneira peculiar o projeto circo e pandemia pode alargar as formas de produção de conteúdos sobre o circo no semiárido baiano e, desta forma, contribuindo para que os/as graduandos/as despertem interesses e busquem novas investigações sobre o tema em comunidades virtuais aproveitando as possibilidades diversas em espaços de diálogo na internet, como de forma direta quando o contato físico se tornar uma possibilidade salutar.

Referências

BAHIA, Fundação Cultural do Estado da Bahia. Bahia de todos os circos: atrair, sensibilizar e receber bem os circos. Organização Alda Souza [et al.] Salvador, FUNCEB, 2012.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Construindo um corpus teórico. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual Prático. BAUER, MW GASKELL, G.(ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BIANCO, Nelia R. Del. E o rádio, vai morrer na era da convergência tecnológica? **In:** Noventa anos de rádio no Brasil. Newton Dângelo, Sandra Sueli Gracias de Sousa (Organizadores). Uberlândia: EDUFU, 2016.

BRASIL. Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm Acesso, 01/08/2020.

_____. Decreto n. 21.111, de 1º de março de 1932. Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional. Diário Oficial [dos] Estados Unidos do Brasil, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 4 mar. 1932, p. 3.914. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html> Acesso em: 30/07/2020.

_____. **Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos LEI Nº 6.533, DE 24 DE MAIO DE 1978:** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm Acesso em 01/08/2020.

_____. **Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020:** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm Acesso em: 30/07/2020.

GALLO, Fábio Dal. **Escola Picolino:** o circo social e a arte/educação. São Paulo, Perspectiva; [Salvador: PPGAC/UFBA]; 2018.

KADOAHY, Wilma Circo. Criação de grupo. WhatsApp: [Grupo de Apoio Emergencial]. 27 abril. 2020. 15:30. 1 mensagem de WhatsApp.

OLIVEIRA, JOSÉ BENEDITO ANDRADE DE. **DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA:** Reflexões sobre a educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano. [Dissertação] Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED/UNEB, 2017.

PARAFUSO, Palhaço. Circo Encantos. WhatsApp: [Conversa privada]. 08 maio. 2020. 17:50. 1 mensagem de WhatsApp.

PERSSEBE, Palhaço. Circo no Brasil, atualizado. WhatsApp: [Grupo de Apoio Emergencial]. 21 jun. 2020. 19:40. 1 mensagem de WhatsApp.

SILVA Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem:** circo e teatro no sertão do Brasil. Curitiba, CRV, 2018.